



***Luehea divaricata*: Abordagem terapêutica tradicional no controle do diabetes mellitus em uma comunidade amazônica**

Gabrielle de Nazaré Falcão da Silva

Amanda Janaína Almeida Moreira

Arlete S. Ferreira

Deyvison L. Santos

Rosa Rodrigues

Elias Mauricio da S. Rodrigues

Lucinaldo da S. Blandtt

Euzébio de Oliveira

Iracely Rodrigues da Silva

RESUMO

Ao longo da história, os recursos vegetais têm sido utilizados para tratamento e prevenção de doenças, assim como para propósitos alimentares. Com o tempo, os fitoterápicos se tornaram cada vez mais proeminentes nos tratamentos naturais, evoluindo para o momento atual, no qual temos garantias cientificamente comprovadas sobre sua eficácia e segurança no consumo, conforme apontado por Rates (2001). Nos países em desenvolvimento, cerca de 80% da população recorre à medicina popular ou depende exclusivamente dela para suprir suas necessidades básicas de saúde, conforme indicado por Silva (2002). O objetivo deste estudo é investigar, por meio de revisão da literatura científica, o potencial terapêutico da espécie *Luehea divaricata*, explorando seus princípios ativos e avaliando seus níveis de toxicidade.

Palavras-chave: Tratamentos naturais, *Luehea divaricata*, Necessidades básicas de saúde.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os recursos vegetais têm sido utilizados para tratamento e prevenção de doenças, assim como para propósitos alimentares. Com o tempo, os fitoterápicos se tornaram cada vez mais proeminentes nos tratamentos naturais, evoluindo para o momento atual, no qual temos garantias cientificamente comprovadas sobre sua eficácia e segurança no consumo, conforme apontado por Rates (2001). Nos países em desenvolvimento, cerca de 80% da população recorre à medicina popular ou depende exclusivamente dela para suprir suas necessidades básicas de saúde, conforme indicado por Silva (2002).

No Brasil, a grande diversidade de espécies vegetais, tanto para fins terapêuticos quanto não terapêuticos, juntamente com a variedade cultural da sociedade, resulta em diferentes formas de uso das



plantas. Grande parte das plantas medicinais da flora nativa é utilizada sem conhecimento científico ou evidências comprovadas de suas propriedades farmacológicas. Apesar da percepção de que as plantas medicinais são menos tóxicas que os medicamentos convencionais, essa ideia é equivocada, como apontado por Veiga et al. (2005). A espécie vegetal *Luehea divaricata* é utilizada nesse contexto de utilização tradicional, muitas vezes sem comprovação científica de suas propriedades e potenciais efeitos.

A *Luehea divaricata*, uma espécie da família Malvaceae, é uma árvore de grande porte que pode alcançar até cerca de 30 metros de altura. Naturalmente distribuída na América do Sul, é encontrada em países como Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia (CARVALHO, 2003; TIRLONI, 2018). No Brasil, essa espécie é encontrada em áreas de matas ciliares, seja em solos encharcados, bem drenados, profundos ou pedregosos (DE OLIVEIRA et al., 2021). A planta é conhecida por vários nomes vernaculares, como Estriveira, Ivitinga, Açoita-cavalo, Saco-de-gambá, Pau-de-canga, Ibitinga, Ivatingui em algumas regiões (CARVALHO, 2003; TANAKA et al., 2005; SILVA et al., 2021). Em outras áreas do país, pode ser chamada de Ibatingui, Pau-de-canga e Caiboti (LORENZI, 2002; BATISTA et al., 2016).

2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo é investigar, por meio de revisão da literatura científica, o potencial terapêutico da espécie *Luehea divaricata*, explorando seus princípios ativos e avaliando seus níveis de toxicidade.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma metodologia qualitativa descritiva, utilizando pesquisa de campo e técnicas como o Respondent Driven Sampling (RDS) para coletar dados, incluindo entrevistas com 25% da população pesquisada e coleta da espécie para identificação. Após essa etapa, foi conduzido um levantamento científico sobre os princípios ativos da espécie e sua toxicidade, utilizando bases de dados como Scielo, PubMed, Google Acadêmico, entre outros.

4 DESENVOLVIMENTO

A espécie *Luehea divaricata* apresenta uma variedade de indicações terapêuticas, incluindo tratamento para doenças cardiovasculares e respiratórias (ALTAMIRANO & YAJÍA, 2020), bem como disenteria, leucorréia, reumatismo, blenorreia, tumores, bronquite e depuração (BERNARDI-WENZEL et al., 2010). Esta planta possui uma marcada ação antioxidante devido à presença de compostos fitoquímicos como quercetina, ácido rosmarínico, vitexina e outros compostos fenólicos (NUNES et al., 2015).

A *Luehea divaricata* é amplamente utilizada na medicina popular, onde suas cascas são empregadas em decoctos ou infusões, sendo administradas oralmente com propósitos anti-inflamatórios, diuréticos,



antirreumáticos (BIGHETTI et al., 2004), antianêmicos, antissépticos bucais, antidiarreicos, adstringentes, antipiréticos, antitumorais (BATISTA et al., 2016), para artrite, reumatismo, leucorreia e como vermífugo (ROSA et al., 2014). As folhas são usadas em infusão para tratar disenteria, leucorréia, reumatismo, blenorragia e tumores, visando efeitos anti-inflamatórios, calmantes e antiespasmódicos (TANAKA et al., 2005; BATISTA et al., 2016). A raiz é considerada depurativa e anti-inflamatória (BERNARDI-WENZEL et al., 2010; BATISTA et al., 2016).

O uso da planta Açoita Cavalo na comunidade de Macapazinho desempenha um papel significativo na medicina tradicional. Popularmente conhecida como "Açoita Cavalo", é indicada para tratar diabetes, utilizando-se o caule seco da planta. A preparação envolve duas colheres cheias da casca do caule em dois litros de água, administrada via oral. A dose recomendada é de meio copo por dia, tomado diariamente antes do almoço. Espera-se a normalização dos níveis de glicose após aproximadamente 10 dias de tratamento.

Poucos estudos abordam a toxicidade da *L. divaricata* (TIRLONI, 2018). Pesquisas como as de Bighetti et al. (2004) e Felicio et al. (2011) sugerem baixo potencial genotóxico e mutagênico, além da ausência de toxicidade em camundongos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Luehea divaricata* é amplamente usada na medicina popular, onde suas cascas, folhas e raízes são empregadas em decoctos, infusões e preparações orais. Possui uma variedade de aplicações, incluindo propriedades anti-inflamatórias, antianêmicas, antidiarreicas, entre outras.

Na comunidade de Macapazinho, conhecida como "Açoita Cavalo", é indicada para tratar diabetes com a casca do caule seco, administrada oralmente, esperando-se a normalização dos níveis de glicose após cerca de 10 dias de uso.



REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, Carlos Gustavo; YAJÍA, Marta Esther. Estudio farmacobotánico, etnofarmacológico y micrográfico de drogas vegetales utilizadas para las afecciones cardiovasculares y respiratorias comercializadas en la ciudad de Posadas, Misiones Argentina. I Parte. Dominguezia, v. 36, n. 1, p. 17-24, 2020.

BATISTA, E. K. F. et al. Atividades antinociceptiva e antiinflamatória do extrato etanólico de *Luehea divaricata*. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 18, p. 433-441, 2016.

BERNARDI-WENZEL, Juliana et al. Evaluation of foliar fungal endophyte diversity and colonization of medicinal plant *Luehea divaricata* (Martius et Zuccarini). Biological Research, v. 43, n. 4, p. 375-384, 2010.

BIGHETTI, Aparecida Erica et al. Efeitos da administração aguda e subcrônica da *Luehea divaricata* Martus et Zuccarini. Lecta-USF, v. 22, n. 1-2, p. 53-58, 2004.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. Espécies arbóreas nativas: silvicultura e usos. 2003.

DE OLIVEIRA, Gerâne Silva Wertonge et al. Germinação, crescimento inicial e estresse oxidativo em plântulas de *Luehea divaricata* Martius et Zuccarini cultivadas in vitro com alumínio. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 43541-43556, 2021.

FELÍCIO, L. P. et al. Mutagenic potential and modulatory effects of the medicinal plant *Luehea divaricata* (Malvaceae) in somatic cells of *Drosophila melanogaster*. SMART/wing. Genetics and Molecular Research, v. 10, n. 1, p. 16-24, 2011.

LORENZI, H. Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. 4. ed. São Paulo: Odessa/Instituto Plantarum, 368 p., v. 1, 2002.

NUNES, Letícia Teixeira et al. Estudo de toxicidade aguda e subaguda do extrato bruto das cascas de *Luehea divaricata* Mart. em ratos wistar. 2015.

RATES, S. M. K. Plants as source of drugs. Toxicon, v. 39, n. 5, p. 603-613, 2001.

ROSA, Roseane Leandra da *et al.* Anti-inflammatory, analgesic, and immunostimulatory effects of *Luehea divaricata* Mart. & Zucc. (Malvaceae) bark. Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences, v. 50, p. 599-610, 2014.

SILVA, Karol Buuron *et al.* Variabilidade Genética de Fragmentos Naturais de *Luehea divaricata* Mart. & Zucc. no Bioma Mata Atlântica. Biodiversidade Brasileira-BioBrasil, v. 11, n. 4, p. 4-11, 2021.

SILVA, R. B. L. A Etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP. 2002. 172f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Federal Rural da Amazônia. Manaus, AM. 2002.

TANAKA, J. C. A. et al. Chemical constituents of *Luehea divaricata* Mart. (TILIACEAE). Quím. Nova, v.28, p.834-837, 2005.

TIRLONI. Cleide Adriane Signor. Investigação etnofarmacológica dos efeitos cardiovasculares e renais de três espécies medicinais utilizadas no Pantanal sul-mato-grossense. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.



VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. Plantas medicinais: cura segura?. Química nova, v. 28, p. 519-528, 2005.